

Melanie Einzig¹:

Ironia e melancolia nas ruas de New York²

Entrevista e fotos³ de Susana Dobal⁴

¹ *Melanie Einzig mora em New York, NY. Após o seu mestrado em fotografia, ela trabalhou também com filme e imagens digitais. Em 1997, quando ganhou a bolsa da Fundação Aaron Siskind pela sua série intitulada “Midtown”, ela começou a utilizar a fotografia de maneira mais comprometida tanto como uma forma de expressão quanto como uma atividade profissional. O seu trabalho apareceu em publicações norte-americanas e internacionais e foi exibido nos Estados Unidos e na Europa. Suas fotos fazem parte das coleções do Art Institute of Chicago, SF MOMA's e-space, The Brooklyn Historical Society além de outras coleções privadas. Suas fotos apareceram, entre outras, nas seguintes publicações: *Bystander: A History of Street Photography* (Bullfinch, 2002); *In-Public@10* (Nick Turpin), *Street Photography Now* (Thames and Hudson, 2010) e *New York Color* (Abrams, 2011).*

² *Essa entrevista foi realizada graças ao apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Ministério da Educação) para a realização de um estágio sênior entre 2013 e 2014.*

³ *Ao longo da entrevista, palavras-chave sublinhadas levam o leitor ao ensaio fotográfico produzido especialmente para dialogar com Einzig [N. Ed.].*

⁴ *Susana Dobal é fotógrafa e professora na Universidade de Brasília. Fez o mestrado em fotografia no programa do ICP/NYU (International Center of Photography e New York University) e o doutorado em História da Arte na CUNY/Graduate Center. Como fotógrafa, participou de mais de trinta exposições em Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, New York, Madrid, Buenos Aires e Nice. Publicou artigos sobre fotografia, cinema e arte e os livros *Peter Greenaway and the baroque: writing puzzles with images* (2010) e *Fotografia Contemporânea: fronteiras e transgressões* (2013) – o segundo co-editado com Osmar Gonçalves.*

e-mail: sudobal@gmail.com

Resumo

Melanie Einzig desenvolve uma linguagem própria na sua fotografia de rua que registra aspectos da cultura americana e da cidade de New York. Seu olhar descompromissado com interesses comerciais ou longe das restrições do fotojornalismo revela um engajamento pessoal consistente ao longo dos anos e permite uma arejada na fotografia documental. Essa entrevista apresenta também um ensaio fotográfico que comenta a obra da fotógrafa nas legendas, em uma narrativa paralela que investiga a produção de Einzig por meio de texto e também de fotografias realizadas pela autora ou mostradas pela fotógrafa.

Palavras-chave: Melanie Einzig; fotografia documental; street photography; New York.

Abstract

Melanie Einzig develops her own language in her street photography that registers aspects of the American culture and of the city of New York. Her work is not committed to commercial interests and is away from the restrictions of photojournalism. It refreshes documentary photography and reveals a consistent personal engagement with her themes over the years. This interview also offers a photographic essay that comments on Einzig's work in its subtitles, offering thus a parallel narrative that investigates the photographer's work by means of text as well as pictures taken by the author or shown by the photographer.

Keywords: Melanie Einzig; documentary photography; street photography; New York.

Melanie Einzig trabalha há mais de dez anos em New York fotografando eventos públicos e privados. Além do trabalho comercial que pode ser visto no seu site, ela desenvolve um trabalho independente fazendo fotos de rua que oferecem um comentário agudo sobre os nova-iorquinos ou, de maneira mais genérica, sobre a cultura americana – ela também fotografa em outras cidades do país. Além de publicado em antologias como *Street Photography Now*, o trabalho da fotógrafa tem sido amplamente exposto na Europa e nos Estados Unidos.⁵ A atenção que ela dá a pessoas e objetos, que oferecem um testemunho de diferentes aspectos da vida norte-americana, coloca suas fotografias na linhagem de Walker Evans e Robert Frank.

A fotógrafa tem, no entanto, um estilo próprio, trabalhando com composições complexas baseadas no encontro inesperado de pessoas diferentes e na interação com objetos e elementos do cenário em volta. Seus personagens são frequentemente tão solitários como os do pintor Edward Hopper, mas podem ser flagrados em meio à agitação urbana e Einzig se interessa mais em trazer à tona singularidades da cultura americana. Em meio a tantas transformações por que passa a fotografia documental, Melanie Einzig recorre ao gesto aparentemente simples de fotografar na rua para construir um testemunho singular sobre a vida urbana americana. Ao invés do heroísmo e da catástrofe associada a boa parte da produção cinematográfica hollywoodiana, seu olhar vacila entre uma atitude irônica e uma melancólica cumplicidade com o que vê a sua volta.

As fotografias de Melanie Einzig que podem ser vistas nas imagens exibidas aqui foram mostradas pela própria fotógrafa durante a entrevista; outras imagens podem ser acessadas pelos links propostos ao longo da entrevista. Além do texto, essa entrevista também traz um ensaio fotográfico com legendas que desenvolvem algumas ideias sobre o trabalho de Einzig. Fotografia e texto são parte um projeto de foto-entrevistas com pessoas que fazem diferença na sua abordagem da fotografia, sejam fotógrafos ou pensadores. O ensaio paralelo desenvolve uma segunda narrativa que pode ser acessada pelos links ao longo da entrevista.

⁵ O site brasileiro Picture Pixel traz uma seleção das suas fotografias: www.picturapixel.com/files/picturapixel_port.html?#/melanie/

S.D.: Você situaria o seu trabalho na tradição do fotojornalismo ou da fotografia de rua (*street photography*)?

M.E.: Meu trabalho tem sido definido como *street photography*. Isso me parece **aceitável**, mas eu não sei. Não é realmente fotojornalismo, embora em algum ponto eu tenha pensado que poderia fazer uma carreira nessa área. Acho que, de alguma forma, eu uso a linguagem do fotojornalismo, da fotografia de agências como a AP, direta, sem complicações, mas estou tentando comunicar alguma coisa mais complexa, peculiar, pessoal. Um tipo de observação que não se baseia no flagrante do momento, mas certamente também busca alcançar o que se chama de objetividade no mundo da notícia.

S.D. Você acha que fotografaria de outra maneira se não tivesse começado a sua carreira e trabalhado por tanto tempo em New York ? A cidade teve um papel importante em informar e educar os seus olhos?

M.E.: Com certeza. Primeiro fiz uma viagem para a Índia, onde a vida era tão diferente de tudo o que eu tinha vivido ao crescer nos subúrbios do oeste americano. Eu me senti totalmente surpreendida e estimulada e então percebi que a vida é assim, em todos os lugares, se a pessoa olha atentamente. Quando me mudei para New York eu me lembro de pensar que talvez eu jamais precisasse viajar novamente pois uma ida à bodega na esquina já era uma aventura dinâmica e completa. Ainda me sinto assim em relação a **New York**. Correr de um lado para outro é diferente a cada dia, com todo um novo grupo de personagens e dramas se desenrolando à minha frente e eu bem no meio da cena.

S.D.: O seu trabalho sempre tem uma atenção para as exceções – no seu site, um casal gay abre a série de fotografias de casamento; no tópico eventos, festas e conferências, uma senhora com flores radiantes e brancas abre a sequência; tem também crianças com sua presença singular em meio aos adultos em sessões diferentes do site. Você diria que procura deliberadamente por pessoas que podem dar um ponto de vista diferente sobre a vida, de maneira mais geral ?

M.E.: Sim, eu procuro celebrar os menos celebrados e gosto de apresentar contra-narrativas para o que as pessoas esperam ver. Eu também apenas vejo dessa forma. Percebo coisas que algumas pessoas não percebem e acho que vejo **diversão e beleza** em coisas que passam despercebidas pelo radar mais convencional. Eu gosto de colocar esse tipo de trabalho bem à frente das minhas fotos de eventos para poder atrair assuntos que me interessam. Gosto de casamentos gays, aniversários de 90 anos, conferencistas e *performers* visionários ou que defendem uma política com a qual eu concordo. Ou às vezes eu debocho de quem eu não concordo muito. Eu tento trazer um pouco da minha visão pessoal para as minhas fotos de eventos. Mas em geral apenas me esforço para cobrir todo mundo e fazer com que eles saiam bem na foto.

S.D.: O que você acha que pode ter originado essa busca pela diferença?

M.E.: Talvez eu nunca tenha me sentido normal, eu sempre me senti meio à margem das coisas e um pouco estranha. É difícil de explicar mas, embora eu me identifique como uma mulher, às vezes me sinto como um homem fingindo ser uma mulher. Eu também me identifico como uma **judia**, mas às vezes me sinto mais próxima do budismo e do hinduísmo ou posso até mesmo ter uma forte afinidade com Nossa Senhora. Eu sou uma fotógrafa, mas secretamente eu também quero ser uma poeta ou talvez eu pudesse ser uma psicóloga se conseguisse ouvir por mais do que cinco segundos. Meus pais costumavam me dizer que eu me isolava dos outros, mas nunca achei que fosse verdade. Eu nunca senti que eu realmente cabia nas situações. Não que eu me sentisse solitária, sempre tive amigos e andei com grupos diferentes, mas de alguma forma eu nunca percebi que realmente cabia nas categorias habituais de pertencimento. E sempre me senti a um passo de distância das **coisas**, como uma observadora nata. Talvez esteja aqui a origem do que você chama de “exceções”: pessoas ou situações que fazem parte da imagem mas não são representativas de um princípio geral ou de um único entendimento sobre a **pessoa ou a situação**.

S.D.: Suas fotos fazem um comentário perspicaz sobre a cultura Americana e sobre os nova-iorquinos. Como você faz quando viaja pra outros países

como a Turquia? Você se prepara antes? Você acha que olha para Istambul ou para a cidade do México com os mesmos olhos que vagueiam em New York?

M.E.: Geralmente eu não me preparo muito antes de viajar. Eu leio guias como o *Lonely Planet* no avião, mesmo que eu tivesse a intenção de ler antes. Muitas vezes eu contei com amigos ou a família para me mostrarem um lugar ou me dizerem onde ir. É um pouco infantil da minha parte. Eu moro em New York há muito tempo e nos raros momentos em que eu viajo eu tendo a explorar a pé e ver o que posso ver. Depois de uma semana ou mais, começo a entender algumas coisas, mas de forma alguma tenho os mesmos *insights* sobre a cultura local que tenho nos Estados Unidos, então minhas fotos provavelmente não são tão pungentes ou reveladoras em outros países. Mas acho que fiz fotos boas aquí e ali.

S.D.: Você também trabalhou com vídeo. O que te fez escolher também a imagem em movimento? Há uma diferença entre o seu trabalho com vídeo e com a fotografia?

M.E.: No passado eu fiz alguns vídeos e filmes. Eram principalmente experimentações. Eu gostaria de fazer mais vídeos e tenho algumas ideias de juntar clips que colecionei. Mas acho o trabalho de edição meio frustrante e entediante, é uma habilidade que não desenvolvi. Às vezes eu vejo alguma coisa e penso: isso é um vídeo e não uma foto. Tenho usado o vídeo como uma foto em movimento. É só um tempo um pouco maior do que 1/250 de segundo.

S.D.: Você ainda desenha?

M.E.: Sim, de vez em quando. Eu passei uns dois anos sem fotografar muito e fiquei meio desinteressada pela fotografia. Alguém me disse que quando a pessoa se sente assim é melhor experimentar outra forma de criação. Eu comecei a cozinhar e depois a desenhar. Coisas surpreendentes começaram a acontecer com os desenhos. Eu senti um tipo de excitação infantil. Eu costumava desenhar assim quando era jovem e chamava isso de “fotos rabiscadas”. Agora que tenho

mais idade elas estão vindo mais estruturadas. Cada uma me surpreende. E consigo desligar, por um momento, minha mente pensante.

S.D.: Você ainda tem na sua parede uma foto do mendigo atravessando a rua com a imagem dos soldados num anúncio à frente dele ?

M.E.: Há uns anos atrás eu pensei que manteria aquela foto na parede até que os Estados Unidos saíssem da guerra. Mas isso não aconteceu.

S.D.: Qual a imagem que você tem agora na sua parede?

M.E.: Eu agora tenho uma outra imagem. Ela se chama *Deleite Turco 1962/2008*. É um conjunto de fotos antigas que achei em uma caixa numa feira em Istambul. Eu estava cavando na caixa e essa mulher ficava aparecendo. Eram fotos dela sempre parecendo feliz e muito provavelmente de férias. A estrutura das fotos era bem consistente, foram tiradas por alguém com um bom olho. Imagino que fosse alguém apaixonado. Ela parece tão feliz e as fotos também são felizes, como se o fotógrafo estivesse se deleitando em fazer aquelas fotos dela. Adoro olhar essas imagens e quero estar naquela situação, com um admirador me olhando e animado com a vida. Mas eu ainda espero que as guerras acabem logo. Não posso acreditar que evoluídos como somos enquanto espécie, ainda somos capazes de bombardear uns aos outros, atirar ou atacar com um facão.

S.D.: Há muito humor nas suas imagens. De onde ele vem?

M.E.: Provavelmente vem do fato de eu ter uma tendência depressiva. O humor é uma maneira como a vida me levanta e me tira do que eu chamo de o meu “nível baixo de sofrimento”. Recentemente ouvi Tony Kushner [dramaturgo e roteirista nova-iorquino] dizer que ele achava que o humor tem uma qualidade agressiva subentendida. Acho isso muito interessante. Meu analista diz que a agressividade e a criatividade estão muito relacionados. Então tudo dá nisso: depressiva... agressiva... criativa/engraçada. Talvez seja uma forma de transformar impulsos agressivos e raivosos em alguma coisa divertida ou pelo menos em algo para me alegrar.

S.D.: O que você acha do Instagram? Você posta o seu trabalho pessoal nele ou em alguma rede social?

M.E.: Eu fico secretamente irritada com o Instagram. Agora que tornei isso público, melhor investigar o tema e explicar. Essa era digital é tão sobrecarregada de fotos, é como se meus olhos quisessem parar e ver menos. Eu não gosto tanto dos filtros, eles fazem as fotos de todos parecerem ótimas e falsas e não sinto tanta intensidade quando vejo essas imagens. Meu amigo me disse que eu deveria entrar, que todos estão fazendo isso e que está ajudando na carreira deles. Para mim parece uma empresa que está juntando um monte de fotos e vai de alguma maneira achar um jeito de usá-las em benefício próprio, como um arquivo ou algo assim. Posso estar errada, mas sou bastante cética. Não julgo as pessoas por usarem ou por gostarem do Instagram. Só que não é pra mim. Eu também não preciso de mais uma forma de gastar o meu tempo precioso. Já gasto tempo suficiente no Facebook para me atualizar com a família, os amigos e as últimas notícias.

S.D.: Qual é a necessidade hoje de haver fotografia ? Por que uma pessoa deveria se dedicar à fotografia atualmente?

M.E.: **Eu acredito** que a fotografia é vital para comunicar o que está acontecendo no mundo e nos ajudar a ter opinião e agir. Eu jamais gostaria que desaparecesse o uso de fotografias com a notícia e acho que os jornais deveriam investir mais em fotógrafos e fotojornalismo ao invés de menos, como estão fazendo agora. Tenho ouvido que estão pedindo para quem escreve no jornal fazer suas próprias fotos. Mas fotógrafos são pensadores visuais, são termômetros. A perspectiva deles pode ajudar muito a palavra escrita, pode acessar e transmitir o que muitas vezes as palavras não alcançam. Para aqueles de nós que podem ver, precisamos disso. O registro histórico do que significa ser humano, mesmo não sendo uma notícia, é facilmente transmitido por fotografias. Esses dois pontos são muito importantes para mim. Sobre a fotografia enquanto criação ou documento estético – bom, há muita produção desinteressante por aí. Mas, realmente, a minha vida seria bastante empobrecida se nunca tivesse visto Kertész, Arbus, Singh, Brassã,

Leiter. A lista não tem fim. Esses fotógrafos alimentaram a minha alma e, por favor, não me pergunte o que isso quer dizer.

Submetido em 24 de abril de 2014 | Aceito em 04 de junho de 2014